



Tons outonais e epigrafia romana

Armando Redentor | CEAACP - Universidade de Coimbra |
FLUC-DHEEAA

Autumnus: a estação do ano que sucede ao verão¹. São escassas as referências epigráficas que a apontam e quase sempre surgem integradas na roda sazonal que comumente é tema em pavimentos de mosaico, mormente em edificações rurais como as *villae*, onde este tipo de revestimento teve particular e expressivo desenvolvimento durante o Baixo-Império.

As imagens dos mosaicos são por si autoexplicativas e só contadas vezes necessitam da linguagem escrita. A sua utilização é, por norma, realizada com grande parcimónia, ora para deixar, em complemento, um dístico boa parte das vezes sibilino, ora identificando personagens das mais variadas condições, ora, ainda que excecionalmente, identificando o mosaísta responsável pela obra de arte, pois é disto que se trata apesar do carácter utilitário dos revestimentos, estejam ao nível dos pavimentos ou em emprego parietal.

Apesar do tema estacional ser recorrente nas obras musivas, a referência expressa pela escrita às sações (e às vezes aos meses) é bem menos usual, ainda que ocorra por diversas partes do império: da Itália ao Norte de África, à província da Bélgica e às províncias hispânicas.

Trazemos à colação um dos mais interessantes mosaicos hispânicos com esta iconografia e letreiros (*MosHispa-BA*, 8): procede de um dos compartimentos (*oecus*) da *villa* de El Hinojal, situada em Dehesa de las Tiendas, às portas da capital da Lusitânia e é datado do século IV.

Seguindo uma ordem cronológica, os nomes das estações, acompanhando quatro bustos femininos, surgem do seguinte modo: VIRAVN[VS] // HESTAS // AVTVM/NVS // HIB[ERNVS]². As alegorias ginecomórficas envolvem o quadro central com cena de caça, em que se destaca uma figura masculina que maneja um *venabulum* contra um corpulento javali, curiosamente uma atividade que tem a sua época privilegiada no outono. A luta direta com a fera ressalta a destreza e heroicidade, exacerba a aura triunfante do caçador, sendo, assim, plausível que este aluda ao proprietário (*dominus*) desta *villa* lusitana meridional. O outono é igualmente a temporada das vindimas e daí decorre que a figura que no mosaico a representa surja com a cabeça adornada por cachos de uva, estando eles também a pontuar a sanefa de volutas de acanto que nesse lado, condizente com o superior do tema central e em oposição à primavera, se desenvolve.

¹ O único nome latino das estações do ano que não terá origem indo-europeia, mas possivelmente etrusca.

² Ressaltam aspetos linguísticos interessantes, nomeadamente no respeitante à designações do verão e da primavera: a grafia *hestas* por *aestas*, plausível confusão por parte de mosaicista entre A e H; e o fecho /e/ em /i/ em *uiranus*, designação rústica e tardia aqui substituindo a clássica *uer*, tal como *hibernus substitui hiems*, sendo ambas formas resultantes de substantivação adjetival derivada das formas clássicas.







Sendo Baco, identificado com o *Liber Pater* romano, a divindade associada ao vinho e à fertilidade, tendo também o cacho de uvas como um dos seus atributos, não admira que possa ver-se imagetivamente remetido a esta quadra, apesar de as suas festividades não serem de exclusiva celebração outonal.

Figura 2 [página ao lado] – Mosaico da *villa* de El Hinojal: pormenor. Fotografia: © Santiago Abella, disponível a partir de <https://www.flickr.com>.



Outras alusões epigráficas às estações do ano podem surgir em poemas sepulcrais. Estas inscrições métricas são muitas vezes inspiradas pela escrita literária e adoçam as esqueléticas composições correntes nos epitáfios comuns.

Lembremos um notável altar funerário de *Sarsina* (CIL XI 6565; CLE 439), na Úmbria, que um *T. Caesius Lysimachus* mandou erigir para si e para a veneranda esposa *Marcana Vera*, em vida, e que, decerto, tomaria lugar central no requietório preparado para ambos. Um suporte sóbrio e de feição clássica, atribuível ao século II, em que a frieza da pedra marmórea é acalentada por um sopro poético que o marido faz constar como dedicatória à proba esposa, cujo cognome surgiria em acróstico no epigrama se o paginador não tivesse, impelido pela necessidade de acomodar como pôde o texto, pervertido a divisão dos versos:³

³ O poema, uma quadra em hexâmetros datílicos, é precedido de um *praescriptum* em prosa no qual se regista a dedicatória à falecida esposa. A forma *uiuos* está erroneamente por *uiuus*.

Figura 3 – Altar funerário de *Sarsina*.
Imagem disponível a partir: <https://latibi.wordpress.com/2015/09/08/epitafios-latinos-ii>.

*D(is) M(anibus) / Marcanae / C(ai) f(iliae) Verae / T(itus)
Caesius / Lysimachus / coniugi sanctissimae / et sibi vivos
posuit.*

***V**er tibi contribuat sua muner(a) / florea grata **E**t tibi grata /
comis nutet aestiva voluptas / **R**eddat et autumnus Bacchi / tibi
munera semper **A**c leve / hiberni tempus tellure dicetur.*

Aos deuses Manes. Tito Césio Lisímaco, em vida, colocou para Marcana Vera, filha de Gaio, virtuosa esposa, e para si mesmo.

A primavera te ofereça suas encantadoras dádivas floridas

E para ti agradável se incline pelas suas mechas (capilares)⁴ a voluptuosidade do Verão

E o outono sempre te traga os presentes de Baco

E mesmo o tempo de inverno, pela terra (que te cobre), seja proclamado leve.⁵

Exemplarmente se vislumbra a memória da defunta em imortal renovação pelo ciclo das estações, numa matriz simbólica em que é possível conjecturar confluências filosóficas ou ideológicas diversas. E o outono aí surge associado aos frutos da videira metaforicamente discerníveis nas dádivas báquicas.

Mas a si, caro leitor desta nótiula, desejamos que possa no presente usufruir em plenitude de todos os dons outonais.

⁴ A lógica poética e os registos artísticos referentes à alegoria do verão na Antiguidade, em que é comum ver cabeleiras adornadas por espigas ou mechas de espigas, torna plausível a alusão às colheitas estivais.

⁵ Subtil referência à comum fórmula funerária *sit tibi terra levis* (que a terra te seja leve).

... em plenitude de todos os dons outonais.

Sugestão de leituras

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. – La villa romana de “El Hinojal” en la dehesa de Las Tiendas. N. A. H. Arqueología. 4. 1976, 433-488.

ANDERSON, K. – Hunting in the Ancient World, University of California, Berkeley, 1985.

DEHON, P. – L'épigramme CLE 439 (= CIL XI 6565): une ronde des saisons et toute sa symbolique. Rheinisches Museum für Philologie. 162. 2019, 206-221.

GÓMEZ PALLARES, J. – Edición y comentario de las Inscripciones sobre mosaico de Hispania: inscripciones no Cristianas. Roma, 1997.

GUARNIERI, C. – Sarsina, parole di pietra: le epigrafi del Museo Archeologico Nazionale. Cesena, 2010.